

FREEMAN, PHILIP.

ALEXANDRE, O GRANDE. TRADUÇÃO DE MARÍLIA

CHAVES E MÁRCIA MEN. BARUERI, AMARILYS, 2014.

384P

Thiago do Amaral Biazotto¹

No final de 2014, o brasileiro médio que se dirigisse a uma livraria de grande porte à procura de obras que versassem sobre Alexandre encontraria opções fartas: o clássico *Alexandre, o Grande* (1833), de Johann Gustav Droysen, em sua edição nacional de 2010, o curto e profícuo *Alexandre, o Grande* (1974), do francês Pierre Briant, aqui lançado em 2010, e *Alexandre, o Grande, e o período helenístico* (2007), proficiente estudo de Peter Green, editado em solo pátrio em 2014, são alguns exemplos. Além deles, também era possível encontrar *Alexandre, o Grande*, do americano Philip Freeman, publicado em 2011 e trazido para o Brasil em 2014, por oferecimento da editora Amarilys, com tradução a cargo de Marília Chaves e Marcia Men.

Freeman mantém um site que oferece informações sobre suas obras e trajetória acadêmica. Sua graduação se deu na Universidade do Texas, com doutorado em Harvard. Lecionou na Universidade de Boston, de Washington e atualmente está no Luther College. Além *Alexandre, o Grande*, Freeman é também autor de *St. Patrick of Ireland* (2004), *Julius Caesar* (2008), entre outros. O site também se destaca pela informação de que o autor se interessou pelos estudos clássicos por um mero acaso, já que seus pais não tinham relação alguma com tema. Curioso notar como historiadores do porte de Paul Veyne também já utilizaram de tal expediente.

Dedicado aos alunos de Freeman, o tomo se inicia com uma linha do tempo, que vai da coroação de Ciro (559 a.C.) à morte do conquistador (323 a.C.), e uma cronologia dos reis macedônios e persas. O leitor também encontrará dois belos mapas, do Mundo Egeu e do Império de Alexandre, ambos bastante úteis. Evocando o famoso aforismo

¹ Programa de Pós-graduação em História, Bolsista Fapesp. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP, Brasil. email: thiago_a_b@yahoo.com.br

de Arriano – que rogava para que os leitores tivessem sua narrativa de Alexandre em alta conta mesmo em meio a inúmeras outras – Freeman destaca os motivos que o levaram a tomar a pena: “cresci fascinado por este homem (Alexandre), por isso não pude resistir à oportunidade de mergulhar nas fontes antigas e modernas sobre sua vida, visitar os locais de sua jornada (...) desejava escrever uma biografia de Alexandre que fosse, antes de tudo, uma história (...) acessível àqueles que amam história, mas talvez nunca tenham lido um livro sobre a vida de Alexandre, nem tenham ainda muita familiaridade com o mundo antigo” (2014: 19). Embora afirme fazer uso de fontes “antigas e modernas”, uma rápida consulta à bibliografia mostra que Freeman se baseia quase inteiramente nos assim chamados “Historiadores de Alexandre”, os autores da Antiguidade cujos textos sobre o macedônio sobreviveram até nossos dias – Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Pompeu Trogo/Justino, Plutarco e Arriano.

A despeito do desejo de escrever uma biografia que fosse “antes de tudo, uma história”, poder-se-ia dizer uma “boa história”, dada a qualidade da narrativa do autor. Muitas passagens são de beleza inquestionável e conseguem captar a atenção até do mais exigente leitor. A descrição do cerco de Tiro e da viagem ao oásis de Siwah são dois exemplos proveitosos da verve literária de Freeman. A sensação de “história” *latu sensu* desejada por ele possivelmente explica a escolha por uma narração quase sempre linear – do nascimento à morte de Alexandre –, quebrada apenas por breves digressões e pelo capítulo final, dedicado a uma concisa apreciação das formas através das quais a figura do conquistador foi aquilatada em contextos diversos.

De título “Macedônia”, o primeiro capítulo abrange o período entre o nascer de Alexandre e o perecer de Filipe, além do surgimento do reino macedônio e suas complexas relações com a Grécia. Bem escrito e atraente, apenas uma passagem traz certo desconforto. Quando escreve sobre a educação de Alexandre, Freeman afirma que Lisímaco, um de seus tutores, era “mais conhecido por seu senso de humor do que pela higiene pessoal” (2014: 38). Parece que tal assertiva foi incluída para dar certa feição “descolada” ao livro, completamente rarefeita, todavia. Isto voltará a ocorrer em outros momentos, o que poderá provocar incômodos em alguns leitores.

“Grécia” é o segundo capítulo, que passeia entre os bastidores do assassinato de Filipe, as campanhas de Alexandre na Hélade após a morte de seu pai e a destruição de Tebas. Já “Ásia” cobre o nascimento do Império persa, a batalha do Rio Grânico e a chegada de Alexandre a Górdio. “Isso” narra a famosa contenda entre as tropas persas e macedônias, o cerco da cidade de Tiro – já destacado pela elegância de sua exposição – e a chegada de Alexandre ao Egito, título do próximo capítulo. O desempenho de Freeman em sua escrita é elogiável, reunindo anedotas de Heródoto e passagens sobre a expedição macedônia com destreza e galhardia. O trecho “colinas áridas, sem um traço de vegetação, estendiam-se por todo o horizonte, enquanto a areia profunda que

eles lutavam para atravessar lembrava um mar infinito. O vento agitava a areia, jogando-a em seus olhos e cobrindo suas roupas (...). Em algum lugar no meio do deserto sem fim, naquela noite, o rei e seus amigos perceberam que iriam todos morrer” (2014: 168), referente à busca pelo oásis de Siwah, é um dos mais inspirados de *Alexandre, o Grande*.

O sexto capítulo, “Mesopotâmia”, abarca da chegada de Alexandre à Babilônia à Batalha de Gaugamela, lançando mão do excelente recurso de citar uma tábua babilônica que descreve o desfecho do último embate entre Alexandre e Dario (2014: 192). “Persépolis” narra o famigerado incêndio que o macedônio mandou atear à capital persa, a traição e a morte de Dario. “Báctria” disserta sobre a ascensão de Besso, as execuções de Filotas, Parmênion e Clito, além do casamento entre Alexandre e Roxane, enquanto “Índia” traz as célebres disputas entre os exércitos macedônios e as tropas de elefantes comandadas por Poro, o desentendimento do conquistador com Calístenes e a recusa do exército em seguir pelo vale do Ganges. Penúltimo capítulo, “Babilônia”, conta o penoso retorno pelo deserto de Gedrósia, o motim de Ópis, e os óbitos de Heféstion e do protagonista.

As últimas páginas, de título “Até os confins da terra”, discorrem de forma sucinta sobre a sucessão do Império após a morte de Alexandre, além de algumas apropriações da figura do macedônio, quer seja na poesia persa, quer seja na tradição judaica, quer seja no Medievo com o conhecido *Romance de Alexandre*. Trata-se de um capítulo de grande valor, que mereceria ser ampliada em eventuais futuras edições.

Alexandre, o Grande se encerra com um glossário sobremodo útil, em vista da frequente repetição de nomes entre os gregos e os persas, facilitando a identificação das personagens pelo leitor. Freeman também faz um comentário bibliográfico, que se por um lado logra discutir a complexa relação entre os historiadores de Alexandre e suas fontes, por outro carrega chavões que há tempos têm sido questionados. Repetir, em pleno século XXI, que Arriano é um autor “equilibrado” (2014: 368) em contraponto a um Quinto Cúrcio cheio de “floreios retóricos” (2014: 341) pode incomodar os conhecedores mais profundos da historiografia sobre Alexandre produzida nos últimos 30 anos. Quanto ao uso de fontes modernas, causa surpresa não encontrar nenhuma referência a Johann Gustav Droysen, cuja história de Alexandre datada de 1833 é marco incontornável das obras sobre macedônico.

Freeman também inclui uma seção de fotos no miolo do livro, com belas imagens do Monte Olimpo, dos túmulos de Filipe II e Ciro, do palácio de Persépolis e do mosaico de Alexandre, além de algumas moedas. Embora as ilustrações não estejam creditadas, deduz-se que a responsável tenha sido a própria esposa de Freeman, Alison, chamada por ele de “fotógrafa predileta” (2014: 20).

A tradução deixa a desejar em alguns momentos, em particular no emprego da crase, severamente castigada durante todo o livro. Abundam usos incorretos da expressão “à distância” (a norma culta pede o acento grave apenas em caso de distância definida (e.g. “à distância de 10 metros” e não “ensino à distância” [sic.]), além de erros grosseiros como “devota à formas exóticas” (2014: 36), “servia-se vinho a vontade” (2014: 53), entre outros.

Em suma, *Alexandre, o Grande*, agrada pela narrativa esmerada e habilidade do autor em descrever com extraordinária beleza mesmo os mais conhecidos episódios da carreira de Alexandre. Se sua leitura deve ser feita com cautela em alguns pontos aqui já destacados, ela certamente será proveitosa e agradável aos interessados em uma obra introdutória a Alexandre redigida com inquestionável paixão².

² Demais obras citadas: BRIANT, Pierre. *Alexandre, o Grande*. Porto Alegre: L&M, 2010; DROYSSEN, Johann. *Alexandre, o Grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010; GREEN, Peter. *Alexandre, o Grande, e o período helenístico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.